

O Vaqueiro, a Missa e o Couro - A História da Missa do Vaqueiro de Serrita-PE e sua Representação Cultural¹

Laina Ramos dos SANTOS²

Dalila Carla dos SANTOS³

Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Juazeiro

RESUMO

O presente artigo propõe expor a pesquisa originada da produção audiovisual “O Vaqueiro, a Missa e o Couro”, que foi resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Jornalismo em Múltiplos Meios, objetivando investigar e compreender o que torna a Missa do Vaqueiro de Serrita, no Sertão pernambucano, um evento de destaque em toda região Nordeste. Para isso, buscou-se entender o cenário, os personagens, a criação, as histórias e as mudanças ao longo dos 46 anos de existência do evento.

PALAVRAS-CHAVE: missa do vaqueiro; cultura popular; cultura; nordeste;

INTRODUÇÃO

A iniciativa desse trabalho configura-se pela relevância que a Missa do Vaqueiro de Serrita (PE) possui, considerada atualmente como o segundo maior evento do calendário do Estado de Pernambuco e, em contrapartida, pouco ou nada existe no âmbito jornalístico que aponte minuciosamente o conjunto que cerca essa tradição.

A cidade de Serrita é conhecida como a Capital do Vaqueiro do Nordeste e tudo no local permeia essa característica, seja a grande produção de artefatos em couro, as festas de pega-de-boi-no-mato, os espaços turísticos, a existência do único Coral Aboios do Brasil, esses elementos encontram-se inseridos no contexto da missa e do couro. Porém, com toda essa configuração, a indagação surge quando a cidade de Serrita é pautada, pontualmente, apenas na época específica do evento.

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Recém formada em Comunicação Social – Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e-mail: ramoscomunicacao2015@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e-mail: dalicarter@gmail.com

A origem da Missa do Vaqueiro

A missa teve sua primeira edição em 18 de julho de 1970, com a iniciativa do poeta Pedro Bandeira, natural da cidade de Juazeiro do Norte (CE), Luiz Gonzaga, da cidade de Exú (PE), e Padre João Cância, de Petrolina (PE) estes foram os responsáveis direto pela criação da missa. O motivo que uniu esses três ícones foi o assassinato do vaqueiro Raimundo Jacó, conhecido na região por conseguir domar os bois mais difíceis. Em 8 de Julho de 1954, Raimundo Jacó saiu para o mato na busca de um boi bravo com seu amigo Miguel Lopes, onde este retornou e Jacó não, quando finalmente foi encontrado ele estava morto com um corte na cabeça e a pedra ensanguentada ao seu lado.

Até então o vaqueiro Miguel Lopes é acusado do crime de Raimundo Jacó, porém, juridicamente nada foi provado e o mesmo já veio a óbito. Muitos se questionam os motivos de tal brutalidade. Contam as histórias que o cachorro fiel de Raimundo Jacó latiu até ele ser encontrado. O animal morreu de sede e de fome, pois se recusava a sair de perto do túmulo de Jacó onde hoje fica a estátua no Sítio Lajes em Serrita- PE.

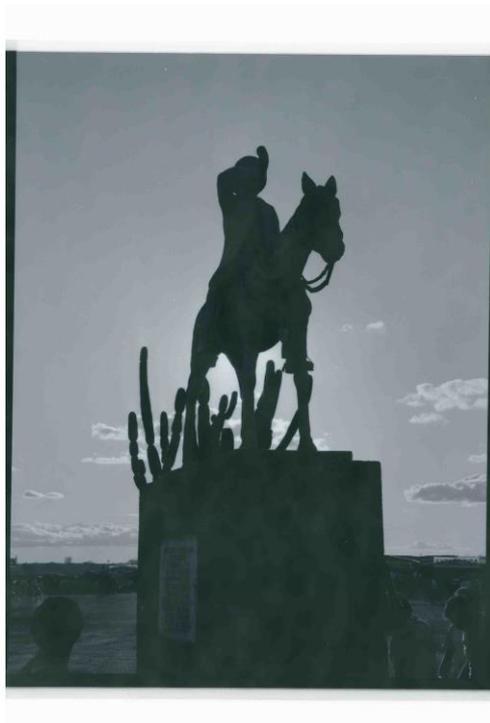


Figura 1: Estátua do vaqueiro Raimundo Jacó no Parque João Cância - Fundação Joaquim Nabuco FUNDAJ, julho de 1987, acervo particular imagem AI_054.

Personagem comum no Nordeste brasileiro, o vaqueiro, esse homem que cuida do gado para os fazendeiros, têm sua definição, segundo Câmara Cascudo (1988), como: “Pastor de gado, guarda das vacas; cow boy, rapaz da vaca; figura central do ciclo pastoril” (p. 783). Esses homens, em sua maioria, possuem várias tarefas diárias, entre elas cuidar e alimentar o rebanho, plantar, caçar, proteger a casa e ainda buscam participar das vaquejadas⁴ e pega de boi no mato⁵ tanto a para diversão como para angariar uma renda extra para as despesas da família.

O ineditismo do trabalho se deve, sobretudo, devido à ausência de material nos vários órgãos visitados. Os responsáveis não dispõem de quase nenhum material consistente no âmbito jornalístico sobre A Missa do Vaqueiro de Serrita (PE), o que destaca ainda mais a relevância do jornalismo em demonstrar a cultura popular e sua manifestação através dessas missas tão comuns na região.

A Representação através do Documentário

O caráter não-ficcional da produção “O Vaqueiro, a Missa e o Couro”, no formato documentário, apresenta um estilo que prima pela demonstração do real, e procura expor os fatos como eles realmente acontecem no cotidiano das pessoas. Os autores das imagens em movimento deslocaram-se aos locais onde decorriam os acontecimentos que queriam registrar e “documentavam” esses mesmos acontecimentos que eram, essencialmente, manifestações da vida humana (PENAFRIA, 1999, p. 3).

Dessa maneira, o estilo documentário estende-se para as grandes áreas do conhecimento onde se encontram a sua utilização com frequência nos registros imagéticos, históricos e também jornalístico, talvez uma tentativa de abordagem diferenciada da produção diária factual exigida pelos grandes meios de comunicação.

O vídeo assume-se quase como um meio de crítica acérrima a princípios televisivos e aos seus mecanismos – a oportunidade de

⁴ Vaquejadas: Reunião do gado no fim do inverno, para o beneficiamento castração, ferra, tratamento de feridas, etc. [...] A reunião anunciava a divisão, entrega das reses aos seus proprietários, a apartação. Uma certa parte do gado era guardada ou reservada para a derrubada, a vaquejada propriamente dita o folgado derrubar o animal, puxando-o bruscamente pela cauda indo o vaqueiro a cavalo. (CASCUDO, 1988. p. 783-784).

⁵ Pega-de-boi no mato: Prática comum no interior do Nordeste, consiste em soltar o gado na caatinga e deixa-lo correr passados trinta minutos os vaqueiros adentram a caatinga para pegar o bicho.

fazer precisamente o contrário à regra e sua totalização. Neste sentido, assume-se como alternativa à ordem imposta pela televisão mostrando que também é uma ‘janela para o mundo’, como muitas outras janelas. O vídeo é, também, um instrumento de combate ao despotismo televisivo. A partir do vídeo é possível propor uma outra televisão com conteúdos ideológicos alternativos (PENAFRIA, 1999, p. 2).

Nesse sentido, com o intuito de reunir os muitos elementos constituintes da Missa do Vaqueiro de Serrita-PE, o documentário produzido buscou apresentar a historicidade do evento, sua composição histórico-cultural, e as divergências conceituais e de opiniões sobre os campos da cultura, cultura popular, indústria cultural, Nordeste, e muitos outros, partindo do ponto de vista de cada entrevistado.

O Audiovisual e o Jornalismo

A premissa de representação da realidade que compõe os dois campos reflete “onde atuam o jornalismo e o documentário, ambos tentam descrever e interpretar a experiência coletiva” (TEIXEIRA, 2002, p.6). A observação depende de fatores como: quem seleciona, separa ou demarca as imagens.

Assim, tanto nas narrativas pessoais como nas jornalísticas, o sujeito-autor cria uma situação nova a partir de um fato que já passou. Essa situação nova não é um espelho fiel da realidade, mas sua representação. Dessa forma, mesmo configurando-se como um discurso sobre o real, os documentários e reportagens não são reflexos, mas construções da realidade social. Ou seja, no documentário ou na reportagem não estamos diante de uma mera documentação, mas de um processo ativo de fabricação de valores, significado e conceitos (TEIXEIRA, 2002, p.6).

Não é uma questão apenas de estar certo ou errado, não cabe aqui elaborar essa discussão, pois a intenção é compreender em quais pontos eles se complementam, pois, o jornalismo defende a “imparcialidade jornalística” que para TEIXEIRA (2002), “a aparente neutralidade dos veículos possibilita ‘vender’ uma imagem de imparcialidade e, em consequência, conquistar a credibilidade da opinião pública” (p.7).

E se o jornalismo sofre com esse dilema, o documentário e o documentarista se sentem à vontade para se apresentar, mesmo os dois formatos que usa personagens reais em tempos reais. É impossível não se reconhecer um autor diante de sua obra, tal característica é percebida em quaisquer material, cada autor seja na escrita no

audiovisual ou em qualquer formato de comunicação possui o estilo próprio de fazer. Cada produção possui sua peculiaridade é o que torna cada trabalho único e inconfundível, e tanto o jornalismo como o documentário permitem que o autor o conduza de maneira conveniente ao estilo, a história, ao contexto e adequem tudo de maneira satisfatória.

O documentário é um gênero fortemente marcado pelo “olhar” do diretor sobre seu objeto. O documentarista não precisa camuflar a sua própria subjetividade ao narrar um fato. Ele pode opinar, tomar partido, se expor, deixando claro para o espectador qual ponto de vista defende. Esse privilégio não é concedido ao repórter, sob pena de ser considerado parcial, tendencioso e, em última instância, de manipular a notícia. (TEIXEIRA, 2002, p.7).

Tais conclusões são justificativas que enriquecem tanto um lado como o outro, porque se o documentário funciona como um canal para novas formas de se fazer jornalismo, por outro, o jornalismo ganha mais uma característica que o inova sempre e em cada forma de se documentar. “O jornalista também pode cultivar o desejo profundo de ser um poeta de seu tempo porque tem potencialmente recursos para produzir sentidos em que ética, técnica e estética estejam a serviço de uma estratégia humanizadora” (DETONI, 2010, p.19).

O uso da Cultura Nordestina pelo Produto Audiovisual

O cenário que compõe a região sempre esteve ligado aos seus personagens, às histórias, a forma de viver simplória, as músicas, os poetas, enfim, essas peculiaridades acabam por determinar o jeito de viver de homens e mulheres no Nordeste.

Atravessa a vida entre ciladas, surpresas repentinas de uma natureza incompreensível, e não perde um minuto de tréguas. É o batalhador perenemente combalido e exausto, perenemente audacioso e forte; preparando-se sempre para um recontro que não vence e em que não se deixa vencer, passando da máxima quietude a máxima agitação; da rede preguiçosa e cômoda para o lombilho duro, que o arrebatava como um raio pelos os arrastadores estreitos, em busca das malhadas. Reflete, nestas aparências que se contrabatem, a própria natureza que o rodeia – passiva ante o jogo dos elementos e passando, sem transição do sensível, de uma estação a outra, da maior exuberância à penúria dos desertos incêndios, sob reo reverberar dos estios abrasantes. (CUNHA, 1909, P.84)

Se tais características unem pessoas ou as atraem, vale mencionar a relevância da cultura dentro da realidade social dos nordestinos. Considerada como uma região de cultura “tradicional”, atrelada fortemente às suas raízes históricas, quando se adentra nesse universo é necessário um olhar diferenciado para os signos e significados que os representam. “São complexas as realidades dos agrupamentos humanos e as características que os unem e os diferenciam, e as culturas as expressam” (SANTOS, 198, p.7).

A grande dificuldade que se encontra em conceituar cultura consiste entre outras coisas pela dimensão que o termo proporciona, o que diverge opiniões e amplia a qualificação do que realmente ela se trata.

Assim, cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos. Quando se considera as culturas particulares que existem ou existiram, logo se constata a sua grande variação. Saber em que medida as culturas variam e quais as razões da variedade das culturas humanas são questões que provocam muita discussão. [...] Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam. É preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos em que são produzidos (SANTOS, 1987, p. 7-8).

Precisa-se compreender que essa amplitude gera novas ramificações do termo cultura, em especial, vale mencionar que surge no século XX, e parte de uma sociedade elitista, permeada pelo preconceito, que promove a ideia de que a cultura popular é algo inferior, menor.

Agrega-se a ela a condição de inferioridade e reafirma o estereótipo de que tudo que é popular é menor, despolitizado, arcaico, e necessariamente não digno de pertencer à cultura elitizada. “Pensar a cultura popular como sinônimo de tradição é reafirmar constantemente a ideia de que sua Idade de Ouro se deu no passado” (ARANTES, 1998, p.17).

Diante desses conflitos de distinção, classificação, segregação tanto os assuntos pertinentes à cultura como a cultura popular são materiais recorrentes para usos das produções em vários formatos comunicacionais.

A relação dicotômica de como e de que forma as ferramentas de comunicação, incluindo o jornalismo, representam a realidade e como se apropriam dela para apresentar modos de vida peculiares é o que provocam em determinados momentos a

inquietação, assim acontece com a produção do documentário *O vaqueiro, a missa e o couro* que surge do incômodo ao perceber que a Missa do Vaqueiro de Serrita – PE é apenas um evento anual de cobertura efêmera e obrigatória.

O Nordeste e o nordestino, seja na mídia ou fora dela, não são produto de um desvio de olhar ou fala, de um desvio no funcionamento do sistema de poder, mas inerentes a este sistema de forças e dele constitutivo. O próprio Nordeste e os nordestinos são invenções destas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondentes. Não se combate à discriminação simplesmente tentando inverter de direção o discurso discriminatório (ALBUQUERQUE, 2011, p. 31).

Ou seja, a reflexão para a qual se destina o campo da comunicação, em especial o jornalismo, reflete o uso para o qual se está fazendo da ferramenta audiovisual para a valorização da cultura e conseqüentemente da cultura popular. E se tenta observar de que maneira essa apropriação desperta outras percepções além do que é comum ser apresentado diariamente nos meios de comunicação de massa.

A Festividade Popular como Representação Cultural no Nordeste

Quando se fala em Nordeste, algumas características da cultura popular são frequentemente lembradas, como por exemplo: as rezas, as festas, as comidas, as vestimentas para determinadas atividades, as músicas, os poetas.

Ao acompanhar minuciosamente a realização da Missa do Vaqueiro e todos os elementos que a cercam, três elementos que deram nome ao documentário se destacaram, pois, a tríade desse conjunto demonstrava se unir no exato momento em que os vaqueiros utilizam a indumentária de couro para proteger-se dos espinhos na caatinga e seguem esses eventos em busca de proteção divina.

A religiosidade, sem dúvida, pode ser classificada como uma das práticas culturais mais antigas experienciadas nos grupos sociais. Ela exprime no espaço marcas simbólicas dominantes e permanentes. É conhecimento nosso que a experiência religiosa, quer do devoto, quer do profissional religioso imprime, no tempo-espaço sagrado formas e funções simbólicas e religiosas (ROSENDAHL, 2014, p. 2-3).

Cada região brasileira possui características distintas seja geográfica, política ou social isso faz do país uma local heterogêneo. Porém, todas as manifestações sejam

religiosas ou não possui formas e maneiras e isso no Nordeste se configura em destaque. Não é difícil de encontrar as inúmeras festas de santos e padroeiros em determinadas épocas do ano e as razões pelas quais existem em vários locais na região, todas imbuídas de muita fé e religiosidade.

A vontade, o desejo do encontro com o sagrado, com o sobrenatural, com o divino, é uma forma de apaziguar as angústias e incertezas trazidas por um mundo burguês materialista e presidido, cada vez mais, por ideias e ideologias laicas. O povo torna-se o repositório do encanto e do encantado, do sagrado e do sacralizado, num mundo desencantado e desencantador. Na contramão de uma sociedade que aposta no império da razão, das luzes, vai buscar no povo o sentimento, do afeto, do mágico, apofântico. Através da coleta e da publicação de matérias e formas de expressão encontradas entre camadas populares, estes homens de letras reafirmam suas próprias concepções antimodernas, anti-iluministas, românticas, religiosas, cristã. Assim como reafirmam e repõem muitos de seus preconceitos de cunho religioso, racial, de gênero, de classe etc (ALBUQUERQUE, 2013, p.68).

As festas e eventos populares religiosos surgem no intuito de minimizar a condição de vida dos sertanejos (as), como as dificuldades com a falta de chuvas e problemas com as grandes estiagens e acabam alimentando a relação desleal do poder público que condiciona as pessoas a uma certa condição de dependência.

As festas permitem descobrir oscilações entre uma visão alegre e uma leitura soturna da vida. Permitem igualmente inventar temporalidades diferenciadas, pois promovem uma duração muito rápida – com tudo podendo acontecer no momento da festa, como é o caso do carnaval - ou muito lenta ou pesada, como acontece com todas os rituais da ordem, ou formalidades. Todas as festas – ou ocasiões extraordinárias – recriam e resgatam o tempo, o espaço e as relações sociais. Nelas, aquilo que passa despercebido, ou nem mesmo é visto como algo maravilhoso ou digno de reflexão, estudo ou desprezo no cotidiano, é ressaltando e realçado, alcançando um plano distinto. Assim é na festa que tomamos consciência de coisas gratificantes e dolorosas (DAMATTA, 1986, p.50).

Sob esta perspectiva, a Missa do Vaqueiro de Serrita se destaca por (re) acender em quem frequenta o local, as injustiças e atrocidades que acontecem no Sertão. A morte do vaqueiro Raimundo Jacó, que para muitos é um momento de homenagens, reflete a verdadeira lembrança do que é habitar neste lugar.

A Indústria Cultural permeia a Cultura Popular

Movimentos culturais de todas as naturezas lidam involuntariamente com a influência da indústria cultural e a ela se liga. “A Indústria Cultural é um daqueles objetos de estudos que se dão a conhecer para as ciências humanas antes por suas qualidades indicativas, ou aspectos exteriores do que por sua constituição interior, estrutural” (COELHO, 1980, p.5).

A sociedade brasileira, assim como muitas outras pelo mundo, vive o sistema capitalista de economia, que se fortalece na mudança constante de formas de vida sejam elas tradicionais ou não. Porém, com o conceito de Indústria cultural criado em 1947 por *Adorno e Horkheimer* novas discussões surgem mediante conceitos já pré-estabelecidos. “Esta caricatura do estilo, contudo, diz alguma coisa sobre o estilo autêntico do passado. O conceito de estilo autêntico se desmascara, na indústria cultural, como o equivalente estético da dominação.” (ADORNO, 2002, p.13).

Para a Missa do Vaqueiro, assim como muitos eventos considerados de natureza iminentemente popular, já se percebe a inserção de mudanças, sejam nas atrações musicais diferenciadas, infraestrutura eletrônica altamente superior e todo o restante da festa que segue o que preconiza a Indústria Cultural.

A violência da sociedade industrial opera nos homens de uma vez por todas. Os produtos da Indústria Cultural podem estar certos de serem jovialmente consumidos, mesmo em estado de distração. Mas cada um destes é um modelo gigantesco mecanismo econômico que desde o início mantém tudo sob pressão, tanto no trabalho quanto no lazer, que tanto se assemelha ao trabalho. (ADORNO, 2002, p.10-11)

Isso é percebido em como se realiza a organização da Missa do Vaqueiro, pois, durante três dias os vaqueiros participam da vaquejada e da pega-de-boi-no-mato. Estes momentos acontecem antes da missa e os atores principais ficam no Parque João Cândio ou nos arredores.

A vaquejada, item obrigatório na Missa do Vaqueiro, acontece durante todo o dia e toda a noite, o que impossibilita uma noite de sono minimamente confortável para aqueles que apesar de toda a diversão estão realizando o ofício do trabalho.

Apropriação da Indústria Cultural sobre eventos de natureza como a Missa do Vaqueiro de Serrita (PE), consiste na comercialização e midiaticização de todo o evento

que só rende benefício em momentos pontuais. O gosto do público pelas bandas nacionais, as bebidas diferenciadas, a comida e toda a organização é para atrair o turista e aqueles que seriam os protagonistas do “show” passam a ser apenas coadjuvantes.

Ao vender a ideia de mais divulgação e popularização dos conteúdos para todas as classes sociais, a Indústria Cultural imprime nos comportamentos e modos de vida o que há demais novo no mercado.

A invocação do povo legitima o poder da burguesia na medida exata em que essa invocação *articula* sua exclusão de cultura. E é nesse movimento que se geram as categorias do culto e do popular. Isto é, do popular como inculto, do popular designando, no momento de sua constituição em conceito, um modo específico de relação com a totalidade do social: a da negação, a de e uma identidade reflexa, a daquele que se constitui não pelo que é, mas pelo que lhe falta. Definição do povo por exclusão, tanto de riqueza como do ofício político e da educação. (BARBERO, 2013, p.35).

Porém, em muitas das situações inclusive o uso da justificativa da grandiosidade da Missa do Vaqueiro de Raimundo Jacó, perante os órgãos responsáveis é de grande valia para a efetiva realização da missa, tornando-a o maior evento da categoria. Mais a que preço?

Quanto mais sólidas se tornam as posições da indústria cultural, tanto mais brutalmente esta pode agir sobre as necessidades dos consumidores, produzi-las, guia-las e disciplina-las, retirar-lhes até o divertimento. Aqui não se coloca limite algum ao processo cultural. Mas essa tendência é imanente ao próprio princípio - burguês e iluminista – da diversão. (ADORNO, 2002, p.25)

Se é uma afirmação ou uma indagação não se sabe mais alguém contribui de maneira significativa para tais discussões, a colaboração fortuita dos meios de comunicação para a propagação e o apropriamento da Indústria cultural para tais eventos é imprescindível.

Todos os processos comunicacionais demonstram que existem possibilidades de sobrevivência para todas as culturas sejam elas quais forem, o preocupante aqui não o uso da cultura pela comunicação, mas como se estabelece essa relação. “Os processos de comunicação ocupam a cada dia um lugar mais estratégico em nossa sociedade, já que, com a informação-matéria-prima, situam-se até mesmo no espaço da produção e não só da circulação” (BARBERO, 2013, p.282).

A comunicação é uma característica intrínseca ao ser humano, assim como os valores culturais também e eles se mantêm mesmo nesse sistema. “O capitalismo pode destruir culturas, mas não pode esgotar a verdade histórica que existe nelas” (BARBERO, 2013, p. 50). As mudanças se fazem necessárias desde que preservem a existência histórica, política, social e cultural dos grupos humanos.

A produção do documentário

Mesmo antes de iniciar as gravações para a produção do vídeo-documentário, já tinha sido mencionada a dificuldade de se encontrar material bibliográfico que pudesse colaborar com as pesquisas. Para reunir os muitos depoimentos que contam a história, os caminhos, as opiniões e os problemas da Missa do Vaqueiro, viajei para as cidades de Salgueiro (PE), Serrita (PE), Exú (PE), Recife (PE), Floresta do Navio (PE), Juazeiro (BA), e realizei uma entrevista com o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, que aconteceu em Natal (RN).

As gravações aconteceram de maneira individual, sendo que um bloco de entrevistas foi realizado nos dias da missa (21 a 24 de julho de 2016), e as outras foram marcadas em locais de escolha dos entrevistados.

As edições foram realizadas na cidade de Juazeiro (BA) onde produzi toda a decupagem do material, proporcionando assim maior agilidade e facilidade para o editor de imagem que teve que apenas montar o vídeo de acordo com o roteiro. A síntese de todo material contou com uma trilha sonora gravada totalmente ao vivo durante as entrevistas com o Coral Aboios de Serrita, já que são responsáveis junto a Banda de Josildo Sá pela melodia da missa.

O acompanhamento de toda edição e montagem do documentário, presencialmente, possibilitou correções em tempo instantâneo, esse detalhe fez toda a diferença na originalidade do produto, pois, o que se encontra exposto no audiovisual é de total responsabilidade da produtora.

As indagações levantadas pelo Documentário acerca do evento

Pensar um evento como a Missa do Vaqueiro de Serrita, que envolve ícones do Sertão como Luiz Gonzaga, Padre João Cância, Pedro Bandeira, e a forma como foi criada, simples, no meio da caatinga, no local, fazem desse momento de homenagem

ao vaqueiro assassinado Raimundo Jacó de fato o diferencial dessa missa. Porém, tratando-se da Missa do Vaqueiro de Serrita existem muitas preocupações e angústias por partes de todos os envolvidos com o futuro do evento. Alguns temem que acabe por identificarem tantas mudanças desordenadas que podem comprometer a identidade cultural para qual foi criada.

A Missa, por ter atingido proporções gigantescas, registra públicos nacionais e internacionais todos os anos, porém, o número de pessoas que frequentam o local e permanecem para o ato religioso são absurdamente diferentes, o que causa determinada insatisfação, pois, confirma a teoria de que muitas pessoas vão apenas à festa “profana” e durante a sexta, sábado e domingo, dias da celebração religiosa, não ficam para prestigiar a cerimônia.

Outro ponto em destaque pelo vídeo são as mudanças ao longo dos 46 anos da existência da missa, a exemplo de um vaqueiro que durante toda a missa católica permaneceu com a bandeira do Movimento LGBT. Essas ações comprovam que a Missa do Vaqueiro mesmo carregando valores tradicionais, não pode evitar as mudanças históricas pelas quais vêm passando a humanidade. Pelo contrário, a permanência ou não deste evento ainda vai depender de muitos diálogos, acertos e, principalmente, renúncias por parte de todos os envolvidos.

A Missa do Vaqueiro de Serrita pertence à vida dos nordestinos que todos os anos vão ao Parque João Cândio, e todas as opiniões trazidas pelo documentário buscam compreender os motivos que a torna esse grande evento. De maneira respeitosa, cada personagem entrevistado se remete a missa pelo olhar de quem viveu, vive e se relacionou e ainda se relaciona com essa manifestação da cultura popular.

Entender o processo histórico em que a Missa do Vaqueiro está inserida desde o nascimento, e poder vivenciar o que é a vida dos vaqueiros presenciando visivelmente que para muitos deles a vida não faz sentido algum sem o couro, sem o cavalo, sem o boi, sem a caatinga e principalmente sem sua fé no divino é uma das maiores contribuições que essa produção documental proporciona para quem assiste.

Considerações Finais

O tema proposto pela produção do documentário suscita discussões que permeiam desde questões submersas da sociedade como a cultura simples de um povo, até a existência de uma possível comercialização da tradição popular. Questões

tipicamente naturais no século XXI, pois, as mudanças tecnológicas acontecem de forma acelerada alterando a dinâmica da sociedade.

Pode-se extrair da pesquisa, dos depoimentos e vivências que as opiniões são diversas a respeito da Missa do Vaqueiro, e que nesse primeiro momento essa foi a percepção do trabalho deixar que as pessoas contem suas histórias e a relação delas com este evento.

O elo existente entre os populares e a missa os leva todos os anos no terceiro domingo de julho, ao Sítio Lajes, Parque João Cândio, na cidade de Serrita (PE), transformando a dinâmica pacata da cidade. O ano de 2016 foi apontado como um dos anos mais difíceis dentre os 46 anos de existência para a sua concreta realização, devido à situação econômica e apoios financeiros inexistentes ou não cumpridos.

O vaqueiro, a missa e o couro é uma mistura de histórias, músicas, lembranças, alegrias, tristezas, lágrimas, preocupações, emoções, tensões, aboios e muito mais. É um convite a conhecer uma realidade comum do Nordeste brasileiro, e contemplar as riquezas que superam todo e qualquer conhecimento pautado na superficialidade, imediatismo, e/ou capricho estético.

Porém, essa realidade não se rompe aqui, outras vertentes podem ser pensadas a partir desta e podem gerar novos estudos a depender da observância do pesquisador. De fato, a contribuição desta produção em si significa um marco para o registro histórico – cultural da missa e para seus idealizadores que a partir de agora possuem em mãos um produto jornalístico audiovisual sobre a Missa do Vaqueiro de Serrita (PE).

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de; **A invenção do nordeste e outras artes**. 5 ed. Recife: Cortez, São Paulo: 2011.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. 35 ed. Brasília: Francisco Alves S. A. 1991.

DAMATTA. Roberto. **O que faz do Brasil, Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco LTDA. 1986.

MARTÌN, Barbero, Jesus. **Dos Meios às mediações, cultura, e hegemonia**. 7 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

ALBUQUERQUE, Jr. Durval Muniz de. **A Feira dos Mitos**. 1 ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ARANTES, Antônio. **O que é Cultura Popular**. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. – (Coleção primeiros passos; 36).

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. – (Coleção primeiros passos; 110).

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. **Documentário no Brasil** – Tradição e transformação. 2 ed. São Paulo: Summus, 2004.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

COELHO, Teixeira. **O que é Indústria Cultural**. 35 ed. São Paulo: Brasiliense, 1980. Disponível em: <<https://presolidariedade.files.wordpress.com/2012/01/o-que-c3a9-industria-cultural.pdf>> Acesso em: 27. Out. 2016

PENAFRIA, Manuela. A identidade do documentário. In. _____ **O Filme do Documentário**. Lisboa, 1999. p. 34-56. Disponível em: <http://ml.virose.pt/blogs/ct_11/wpcontent/uploads/2011/04/Penafria_1999_A_identidade_do_documentarismo.pdf>. Acesso em: 27. Out. 2016

ROSENDAHL, Zeny. **Tempo e Temporalidade, Espaço e Espacialidade: A temporalização do espaço Sagrado**. 2014. P. Artigo (IX Simpósio Internacional sobre espaço e cultura) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/18902>> Acesso em: 25. Set. 2016

DETONI, Márcia. **O audiovisual de não-ficção e a “Maldição do jornalístico”**. In: Estudos Em Comunicação. São Paulo, nº7 - Volume 2, p.63-84. Maio, 2010. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/07/vol2/detoni.pdf>>. Acesso em: 27. Out. 2016

ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Disponível em: < <https://www.passeidireto.com/arquivo/1876926/livro--industria-cultural-e-sociedade---theodor-adorno>> Acesso em: 05 de maio de 2017